

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO: RECORTE A PARTIR DAS MANIFESTAÇÕES QUE OCORRERAM NO BRASIL EM JUNHO DE 2013

GISLAINE OLIVEIRA DÓRIA¹

LAÍS CARDOSO DOS SANTOS²

LUZIANE DOS SANTOS³

RESUMO: O indivíduo enquanto sujeito assujeitado está automaticamente e inconscientemente afetado por diferentes ideologias. Assim, resultantes das práticas das instituições sociais (BERNARDO-SANTOS, 2009), essas ideologias determinam o que o sujeito é. Com vista nisso, nosso objetivo nesse trabalho é analisar os enunciados dos cartazes das manifestações que ocorreram no Brasil, no período de junho de 2013 a partir das categorias discursivas (interdiscurso, condições de produção e formação discursiva), procurando mostrar como esses sujeitos são inconscientemente afetados e construídos por intermédio dessas categorias, de modo que quem produz os discursos não são os indivíduos (enquanto ser, pessoa), mas sujeitos assujeitados. Para isso, tomamos como aportes teórico-analíticos os estudos de Althusser (1985), Bernardo-Santos (2009), Pêcheux e Fuchs (1975), Orlandi (2000), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia. Interdiscursividade. Sujeito.

ABSTRACT: The individual as subject subject is automatically and unconsciously affected by different ideologies. Thus, resulting from the practices of social institutions (BERNARDO-SANTOS, 2009), these ideologies determine what the subject is. In view of this, our objective in this work is to analyze the statements of the posters of the manifestations that occurred in Brazil in the period of June 2013 from the discursive categories (interdiscourse, production conditions and discursive formation), trying to show how these subjects are unconsciously affected and constructed by means of these categories, so that who produces the discourses are not the individuals (while being, person), but subject subjects. For this, we take as theoretical-analytical contributions the studies of Althusser (1985), Bernardo-Santos (2009), Pêcheux and Fuchs (1975), Orlandi (2000), among others.

KEY-WORDS: Ideology. Interdiscursivity. subject.

¹ Graduanda em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. Contato: gis_19_@hotmail.com.

² Graduanda em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. Contato: Laiscardoso7272@gmail.com.

³ Graduada em licenciatura em História pela Universidade Federal de Sergipe, especialista em Metodologia do ensino da História e da Geografia pela FAMA (Faculdade Amadeus). Graduanda em Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe. Contato: luziane.rosa@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Os estudiosos da análise do discurso, atualmente, apresentam uma nova caracterização para o sujeito: o assujeitamento. A partir dessa concepção, tem-se que o sujeito é constituído por ideologias, por anterioridades, pelas condições históricas de produção. Sendo assim, a linguagem os determina. Eles não falam por si, falam atravessados por sentidos vindos de diferentes formações discursivas, de diferentes ideologias. Dessa forma, reconhece-se que um enunciado é atravessado por diversos sentidos (ORLANDI, 2000). O nosso principal objetivo é mostrar o imbricamento desses sentidos, os recortes discursivos que os constituem levando-os a uma formação/construção dos sujeitos específica.

O trabalho compreende dois momentos: no primeiro momento, fizemos uma síntese das teorias relevantes para se chegar a um estudo propriamente discursivo – analítico e no segundo momento, apresentamos, de fato, esse estudo analítico – a partir dos enunciados referentes aos últimos protestos ocorridos no Brasil (junho/2013).

128

BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS PRINCIPAIS TEORIAS QUE LEVAM A UM ESTUDO LINGUÍSTICO/ DISCURSIVO

O estudo da linguagem perpassa por teóricos consagrados (ideologicamente) e por todos os sujeitos, uma vez que todos pensam a linguagem, todos estão na linguagem e ela, os constituem (ORLANDI, 2000). Segundo Pêcheux (1975 *apud* ORLANDI, 2000, p. 17), “não há discurso sem sujeito [...]”, ou seja, todos (na condição de sujeito) são constituídos por efeitos discursivos, na/pela linguagem.

Mas, por volta da década de 20, Saussure não tinha como objeto de estudo a linguagem. Ele estudava a língua, excluindo a fala, logo, também tudo que é exterior a ela; o sujeito, o mundo, etc. Com isso, seu estudo fica restrito (nunca inválido, é de suma importância, inclusive, para se estudar outras teorias) ao sistema linguístico. Não avança. O aluno, por exemplo, não é levado a pensar, a refletir sobre as relações existentes entre os elementos linguísticos e extralinguísticos, ele apenas os identifica, classifica (BERNADO-SANTOS, 2009, p. 10-13).

Posteriormente, Jakobson (1971) propõe a teoria do comunicativismo. Ele apresenta a linguagem em funcionamento comum, homogêneo. Há alguns avanços

relativamente à teoria Saussuriana, no entanto, ainda é restrita, fechada. O erro, o diferente não é considerado, tudo que não é comum, que não condiz com a norma em andamento em um dado momento histórico, é excluído (BERNADO-SANTOS, 2009, p. 16-21).

É a partir do final do século XIX que os estudiosos da linguagem incluem elementos excluídos por Saussure (o mundo, o sujeito- a intencionalidade, entre outros). Os trabalhos de Benveniste (1989), Ducrot (1972) e Frege (1978) apresentam a linguagem em relação com o mundo, com o sujeito. São os chamados estudos pragmáticos, em que o concreto é parte da linguagem e essa relação é nítida. Ou seja, usa-se, comumente, por exemplo, a língua para se referir, nomear, identificar as coisas do mundo (o carro, a porta, a caneta, etc.) e usa-se a linguagem para significar o mundo e seus constituintes. As significações são diversas e heterogêneas, dependem do contexto, do tempo, da situação em que os locutores estão inseridos. A intencionalidade, o sujeito como determinante da linguagem nesse momento é fortemente marcada (BERNADO-SANTOS, 2009, p. 26-33).

Já Bakhtin (1997), concebe a linguagem a partir da relação direta e recíproca entre atividade humana e esfera da comunicação. Para ele, elas estão intimamente ligadas, ou seja, a atividade humana (real, concreta) leva a uma determinada forma de falar e a fala representa uma dada atividade humana. A partir dessa relação, ele estuda o enunciado de forma tríparde- analisa o conteúdo, o estilo e a construção composicional-, chegando a enunciados relativamente estáveis de uma determinada esfera da comunicação, constituindo um gênero de discurso. Os gêneros são diversos, mas Bakhtin classifica-os em dois: primário e secundário. O gênero primário é mais simples, representa enunciados mais orais, do cotidiano; o secundário é mais complexo, a escrita prevalece nesse gênero, são enunciados mais elaborados estilisticamente. Os textos literários são bons exemplos desse gênero. É importante ressaltar que esses gêneros de discurso não são exclusivos, estáticos, eles migram de um gênero a outro de forma constante e espontânea (p. 279-287).

Bakhtin (2000) apresenta também a noção de ideologia para a construção dos sujeitos (p. 279-287), teoria fundamental para a compreensão e sistematização da Análise discursiva. Para ela, os sentidos não estão apenas na língua (enquanto sistema), eles “fogem”, escapam – a, evocam exterioridades, como afirma Orlandi (2000): “(...)

os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos” (p. 30). E, embora eles se realizem em nós, não somos nós quem os determinamos, somos determinados por eles, somos assujeitados por sentidos ideológicos trazidos pela memória discursiva, pelo interdiscurso e sem sabermos; sem lembrarmos disso, pois a memória apaga, ou seja, esses sentidos “chegam” a nós de maneira inconsciente (ORLANDI, 2000, p. 35). A memória discursiva (interdiscurso), as condições de produção e a formação discursiva são as categorias propostas pelos analistas de discursos para o estudo enunciativo (BERNADO-SANTOS, 2009, p. 54-59).

Pode-se dizer que discursos anteriores, os “já ditos”, ou seja, ideologias que constituem os sujeitos compõe o interdiscurso. Para Orlandi (2000), “o interdiscurso – a memória discursiva – sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas [...]” (p. 54). O sujeito fala por meio de anterioridades, pela memória discursiva, que traz sentidos construídos historicamente. Esses sentidos são formulados a partir de ideologias presentes na sociedade em que os sujeitos estão inseridos.

Segundo Althusser (1985), a ideologia só existe pelo sujeito e para os sujeitos. É a ideologia que determina o sujeito sem que ele perceba. Sem que ele pense a respeito. Em outras palavras, a ideologia não é uma questão de escolha. Por isso, pode-se dizer que os discursos produzidos nas diferentes situações de comunicação são conduzidos pelos “aparelhos ideológicos” que ainda de acordo com Althusser (1985 *apud* BERNARDO-SANTOS, 2009), podem ser a escola, a religião, a família, o sistema jurídico, entre outros.

As condições de produção trazem efeitos de sentidos relacionados a um dado fato de linguagem, instaurando formações discursivas, regiões de sentidos. Esses sentidos são diversos e as formações são heterogêneas. Compõem-se de um imbricamento de sentidos. Como mostra M. Pêcheux:

Dada uma formação social em um momento determinado de sua história, ela se caracteriza, através do modo de produção que a domina, por um estado determinado da relação entre as classes que a compõem; essas relações expressam-se por meio da hierarquia das práticas que esse modo de produção necessita, levados em conta os aparelhos através dos quais se realizam essas práticas; a essas relações correspondem posições políticas e ideológicas, que não são o feito de

indivíduos, mas que se organizam em formações que têm entre elas relações de antagonismos, de aliança ou de dominação (PÊCHEUX *apud* BERNADO-SANTOS, 2009, p. 75-76).

Assim, as formações discursivas constituem-se como lugares de sentidos, a partir das relações entre interdiscurso, ideologias, condições de produção, sujeitos.

ESTUDO DE ENUNCIADOS A PARTIR DE CATEGORIAS DISCURSIVAS

Em junho de 2013, pode-se assistir a vários manifestos em diversas regiões do Brasil, todos com um enfoque político. As redes sociais e a mídia foram indispensáveis nesse momento histórico. À primeira couberam as organizações dos encontros e disseminação dos cartazes, contendo várias reivindicações e à segunda, a gravação dos movimentos e publicação dos noticiários (REBOUÇAS, 2013).

As principais avenidas de vários estados foram ocupadas pelos manifestantes, impossibilitando a continuação da rotina dos brasileiros. No início, os movimentos eram pacíficos, mas depois passaram a ser violentos, visto que vândalos iam surgindo. Em um primeiro momento, o movimento foi formado por estudantes, visando reivindicar um valor menor para a passagem de ônibus. Em seguida, passam a requererem também melhorias na saúde e na educação (REBOUÇAS, 2013).

A produção de cartazes durante esse período foi gigantesca e, a partir de alguns enunciados postos nesses cartazes, iremos propor uma análise linguística/ discursiva. Vejamos:

- Enunciado 1):

“Me chama de copa e investe em mim!

Assinado: Educação

Assinado: Saúde”

A partir da expressão “me chama de”, a memória discursiva traz sentidos de uma região específica: ditos populares para “atrair” as mulheres (cantadas). Vejam:

“Me chama de silicone e diz que eu preenchi um vazio enorme no seu peito!”

“Me chama de Labirinto e se perca em mim!”

“Me chama de Receita Federal e se declara pra mim!”

(BULCÃO, 2011).

O sujeito que fala (o eu assujeitado) é marcado por essa memória e o(s) outro(s) sujeito(s) que recebe/m é/são constituídos nesse lugar, ou seja, as instituições precisam ser atraídas. Ocorre um deslizamento de sentido (BERNADO-SANTOS, 2009, p. 84-85) dos ditos populares (cantadas) para instituições políticas.

Os sujeitos também são atravessados por sentidos que evocam condições históricas de produção (ORLANDI, 2000) recentes: o problema caótico da educação e da saúde. Tem-se (historicamente) que essas instituições são fundamentais para que se tenha um país melhor, um país de primeiro mundo. Sentidos de capital, lucro (o “investe em mim” já nos dá, por meio da memória discursiva, esses sentidos). E, “copa”: diversão, futebol, Brasil. O nosso país é caracterizado ideologicamente, historicamente pelo futebol. Esse atributo dá status ao país relativamente aos demais, o representa positivamente. E as manifestações? Será que elas também não são meramente espetáculo, representação? Os sujeitos vão tomados por ideias de melhorias no país, de mudança, de transformação, reforma ou estão atravessados por ideias de aparência, de representação, ocupação de espaço? A ideologia midiática envolve os sujeitos ao espetáculo, ao aparecer. Como mostra Courtine no artigo “Os deslizamentos do espetáculo político”: com a chegada da mídia o discurso (antes elocuente, retórico, longo) passa a ser curto, breve, simples (como esses enunciados postos nos cartazes durante as manifestações) e o sujeito é atravessado por sentidos não mais retóricos e sim sedutores, representativos (COURTINE, 2003, p. 21-35). As condições históricas, ou seja, o aparecimento da mídia e seu envolvimento na vida dos sujeitos históricos sociais (nesse exemplo) influenciaram diretamente na linguagem, formando outras regiões de sentidos, constituindo os sujeitos inseridos nessa sociedade histórica (ORLANDI, 2000).

- Enunciado 2):

“Fui preso na ditadura Vargas, na campanha do petróleo é nosso e na ditadura militar”. A mídia sempre defendeu a opressão. Mas acredite. A rua é nosso lugar e lutar vale a pena!”

O interdiscurso (ORLANDI, 200) traz efeitos discursivos de revoluções anteriores. Lutas, sentimentos de patriotismo. A partir da expressão “A mídia sempre defendeu a opressão”, a memória discursiva (ORLANDI, 200) leva-nos a “lembrarmos” que os sujeitos midiáticos são marcados por sentidos negativos relativamente ao (s)

Outro (s) (pessoas comuns, que compõem a sociedade), são caracterizados, por exemplo, por sentidos de deturpações, sentidos representativos, de espetáculo, de configuração positiva em relação aos sujeitos opressores: os políticos. Traz também o efeito de sentido de que os meios de comunicação são dominados por sujeitos poderosos de direita, as transmissões são convenientes relativamente ao lucro, ao capital. Novamente, um imbricamento de sentidos do capitalismo, do mundo constituído como uma gigantesca bolsa monetária em que os sujeitos vivem em busca do poder, do lucro.

- Enunciado 3):

“Os jovens de 1968 apoiam os jovens de 2013”

O sujeito é atravessado por sentidos anteriores e históricos (concretamente). 1968 foi o ano em que ocorreu uma das maiores manifestações juvenis, que se disseminou por todo o país: a ditadura militar (PIACENTINI, 2008). Sentidos dessa época deslizam-se (BERNADO-SANTOS, 2009, p. 84-85) para as manifestações de 2013: o jovem como símbolo de força e de espírito reivindicador e não simplesmente de idade. Historicamente, por meio da memória discursiva (ORLANDI, 2000), “lembramos” (inconscientemente, sem pensarmos sobre isso) que a presença dos jovens na frente de protestos sociopolíticos é constante. Os sujeitos dessa faixa etária são marcados/ determinados ideologicamente/ historicamente por esses sentidos (reivindicadores, lutadores etc.). E como mostra Orlandi (2000) em seu texto “Análise do Discurso: princípios e procedimentos”: “a análise do discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social” (p. 15). Os sujeitos são constituídos sócio- historicamente na/pela linguagem, eles são caracterizados/ marcados por sentidos que historicamente atravessam sua vida.

- Enunciado 4):

“Se a tarifa não baixar a cidade vai parar”.

Os ônibus vão parar, as manifestações vão continuar se a tarifa não baixar. Esse é um dos sentidos que a memória discursiva (ORLANDI, 2000) faz com que os sujeitos “lembrem” (mais uma vez o lembrar inconsciente, sem pensar a respeito). Eles são atravessados também por sentidos de lucro, de capital. A cidade, o espaço urbano é caracterizado ideologicamente pela movimentação comercial, financeira. O sujeito traz esses sentidos (por meio da memória discursiva), além do sentido de que o comércio não funcionará, uma vez que as pessoas ficarão impossibilitadas de irem ao trabalho,

elas dependem do transporte coletivo (do ônibus, no caso do Brasil) para se deslocarem de um ponto a outro na cidade. O mundo capitalista, do lucro, da rapidez fica, portanto, “afetado” por esse fato. E o sujeito é marcado por esses sentidos de rapidez, de está sempre em funcionamento (realizando alguma atividade). Sempre em busca de capital, de status.

- Enunciado 5):

“Vi duas guerras mundiais e a depressão de 29. Vivi a revolução de 32. Sobrevivi durante a ditadura. ‘Acreditem’ não é só por R\$ 0,20”.

A expressão “(...) ‘Acreditem’ não é só por R\$ 0,20” leva-nos, através da memória discursiva (ORLANDI, 2000) a sentidos que remetem ao mero espetáculo das manifestações, da produção de cartazes, como já foi mencionado nas outras análises (mais especificamente no enunciado 1). O sujeito está sendo significado como sendo manifestante meramente representativo, que está ali porque está, porque os outros estão, porque é um acontecimento histórico, de repercussão mundial. É como se ele estivesse respondendo uma pergunta (que não feita concretamente), por exemplo, vocês estão reivindicando, de fato, melhorias nos transportes públicos, na saúde, na educação, etc. ou estão apenas ocupando espaço?

Já a expressão “Depressão de 29”, por meio do interdiscurso, leva o sujeito a lembrar (mais uma vez ressalta-se que essa lembrança é inconsciente) da crise e dos efeitos produzidos na sociedade econômica em 1929. Tem-se também um deslizamento de sentido (BERNADO-SANTOS, 2009, p. 84-85). Depressão é de outra formação discursiva, de outro lugar. Remete a doença, a medicina e é trazido para o “lugar” do econômico, novamente, do capital. Os sujeitos são determinados pela incessante busca da felicidade relativamente à estabilidade financeira. Isso leva a uma contradição “enunciativa”, visto que há o discurso (no final do enunciado) de que não é só por 0,20 centavos que estão reivindicando.

CONCLUSÃO

Com base nas análises apresentadas no tópico anterior, foi possível perceber que os sujeitos na medida em que são atravessados por diferentes ideologias segundo as quais determinam suas formações discursivas vão, na maioria das vezes, a movimentos

sócio – históricos (às manifestações, por exemplo) não exatamente em busca de melhorias para a sociedade. Vão impulsionados pelo espetáculo, porque todos vão. Simplesmente repetem atos, sem pensar a respeito. Ou seja, são afetados pelo interdiscurso, pela memória discursiva sem saber, inconscientemente.

Com isso, percebe-se concretamente, por meio dessas análises que o sujeito é construído pela linguagem, pelas discursividades que os atravessam historicamente e permanentemente, tornando-os simplesmente meros “fantoques” das instituições ideológicas.

Anexos



135

**







***Curitiba. (Foto: Liciane Andreatta). Disponível em: www.vaiprarua.org/.../os-jovens-de-1968-apoiam-os-jovensm-de-2013.

****Taboão da Serra. (Foto: Reprodução / Facebook / Bruno Lima). Disponível em: <http://taboaoemfoco.com.br/todas-as-noticias/moradores-de-taboao-protestam-hoje-8-contra-preco-da-tarifa-de-onibus>.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas-SP: Pontes, 1989.

BERNARDO-SANTOS, Wilton James. *Introdução às teorias do discurso*. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

DUCROT, O. *Princípio de semântica lingüística*. Cultrix, São Paulo, SP, 1972.

GADET, F. et HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Edunicamp, 1990.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: Princípios e Procedimentos*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2000.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP, 2001.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi et all. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. (Coleção Repertórios).

_____. *O discurso, estrutura ou acontecimento* [trad. Eni Orlandi]. Campinas, SP, Pontes, 1997.

PIACENTINI, Ébano. *Maio de 68 foi auge da década em que jovens "aceleraram" a história*. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u396547.shtml>. Acesso em: 14 de setembro de 2013.

REBOUÇAS, Fernando. *Ensaio sobre as manifestações no Brasil em 2013*. Disponível em: <http://www.infoescola.com/atualidades/ensaio-sobre-as-manifestacoes-no-brasil-em-2013/>. Acesso em: 14 de setembro de 2013.

* _____. (Foto: GL comunicação). Disponível em: <http://glnamira.wordpress.com/2013/06/19/o-redator-publicitario-que-existe-dentro-de-cada-manifestante/>.

** _____. (Foto: Mônica Parreira). Disponível em: <http://www.aredacao.com.br/noticias/29045/idosos-aderem-a-campanha-contr-o-aumento-da-tarifa-do-transporte-coletivo>.